

MADEIRA – INÍCIOS E IMPORTÂNCIA DA BASE ATLÂNTICA PORTUGUESA

por JAN KLÍMA
(Universidade de Hradec Králové)

Uma das menos utilizadas periodizações do tempo histórico distingue quatro momentos na evolução mundial da humanidade: o período mediterrânico, o atlântico, o pacífico e o global. Para a ascensão da Europa nos fins da Idade Média, o mais importante evento foi seguramente a transição da primeira para a segunda das fases acima indicadas: o abandono do espaço limitado do Mediterrâneo e o domínio físico do Atlântico como porta aberta para a expansão global da economia, influência, religião e política europeias (para melhor dizer: da Europa Ocidental). As ilhas dispersas pelo Oceano Atlântico – a partir dos Açores no Noroeste, através dos arquipélagos da Madeira e de Cabo Verde, até aos ilhotes isolados no Atlântico meridional como Santa Helena ou Ascensão – passaram a servir como bases privilegiadas para navegar rumo às metas mais distantes. Nesta dissipada – mas geomorfologicamente integral e semelhante – “Macaronésia”, a ilha da Madeira (é de notar o significado da denominação relacionado com a construção e reparação das embarcações marítimas) desempenhou um papel extraordinariamente importante¹ para os cristãos no transgredir das fronteiras europeias. Relativamente perto da Europa, mas apesar disso já longe no Atlântico, esta ilha verde e montanhosa representava um ponto claro de orientação nas rotas marítimas Leste-Oeste e Norte-Sul; a sua vegetação abundante e quedas de água borbulhantes prometeram o abastecimento rico das tripulações com água potável, legumes, frutas e outros alimentos.

Breves resumos históricos costumam expressar de maneira muito lacónica os detalhes do conhecimento da Madeira ou mais ilhas e agrupamentos insulares situados perto e longe dela no Oceano Atlântico. Constatam geralmente que o arquipélago da Madeira foi descoberto², em

1419, pelo navegador português João Gonçalves Zarco. Porém, vale a pena dar uma olhadela mais pormenorizada à história do descobrimento e do povoamento da Madeira para tomarmos consciência da complexidade deste lento processo durante o qual o Oceano Atlântico se tornou, passo a passo, no ponto de partida de onde os europeus conquistaram o resto do mundo.

No nevoeiro dos mitos

Os antigos impérios acumularam capacidades e experiências suficientes para mandar navegar os seus capitães além das “Colunas de Hércules”. Obviamente que as rotas das embarcações enviadas rumo a Oeste pelo faraó egípcio Necão II

¹ Histórias de Portugal não refletem claramente a importância da ilha da Madeira. Também as nossas obras *Dějiny Portugalska (História de Portugal, Nakladatelství Lidové Noviny /NLN/, Praha 1996)* e *Dějiny Portugalska v datech (História de Portugal em Datas, Praha: Libri, 2007)*, tocam o arquipélago somente poucas vezes, sobretudo na época dos descobrimentos marítimos portugueses. Para estudar o desenvolvimento das ilhas em pormenor, é de recomendar o livro de Alberto VIEIRA (coord.), *História da Madeira*, 1ª edição, Funchal: Secretaria Regional de Educação, 2001, 399 pgs. Não obstante, todas as obras históricas ou geográficas que dizem respeito a qualquer parte do espaço atlântico refletem perfeitamente o papel extraordinário da Madeira.

² O próprio termo “descobrimto” que pode parecer lógico nas ilhas antigamente inabitadas tem-se tornado indesejável nos continentes não-europeus. Com toda razão, o maior conhecedor português das “viagens do descobrimto” Luís de ALBUQUERQUE submeteu-o à crítica no seu artigo “Algumas reflexões a propósito da palavra Descobrimto”, *Isleha*, No. 1, pgs. 7–12, Funchal 1987.

(610–594), nas quais o comerciante grego Euthymenés, radicado na cidade de Massília (Marselha), se atreveu a dobrar a costa da África Ocidental (por volta de 550 a.C.) ficam envolvidas em mistério. Nem o capitão persa Sataspes (485–465), nem os marinheiros da renomada frota fenício-cartaginense de Hanno (depois de 425 a.C.) se afastaram muito da costa nos seus périplos em torno do continente africano.

Foram os gregos e romanos que escreveram mais frequentemente sobre todas as ilhas existentes a Oeste do Velho Mundo. Segundo uma versão (suportada mais tarde pelo mapa de A. Kircher) a “Atlantis” de Platão situava-se algures entre os Açores e as Ilhas Canárias, cobrindo assim teoricamente a Madeira. Foram principalmente os gregos que reconheceram no Atlântico oriental as ilhas denominadas simpátiicamente como *Campos Eliseos*, *Jardins das Hespérides* ou *Jardim das Delícias*, forçando posteriormente os cartógrafos confusos a inventar lugares prováveis para tais objectos muito poéticos e pouco reais. Às vezes, os gregos aproveitaram a denominação de *Makaron nesoi*, Ilhas Afortunadas, para ali localizarem as escadepelas dos seus deuses. É que o termo “Macaonésia”, usado hoje com frequência para a cadeia dos grupos insulares vulcânicos no Atlântico, tem tanto de justificação geológica, como de tradição antiquíssima. Não obstante, a imagem verdadeira do mundo insular atlântico libertou-se muito devagarinho das algemas míticas. Diodoro da Sicília escreve na *Biblioteca Histórica* de que uma ilha paradisíaca com uma densa cobertura florestal foi descoberta no século V antes do nascimento de Cristo. Uns cem anos antes da era cristã, Estrabão fala sobre o conhecimento de uma ilha que surpreendeu os seus descobridores pela abundância de boa água fresca e de madeira. Plutarco narra por volta de 80 a.C. que Sertório, perseguido pelos romanos, achou o refúgio seguro numa ilha, cuja descrição relembra a Madeira. Plauto apresenta as míticas ilhas atlânticas, antes do início da era cristã, como um paraíso alcançável para todos quantos passaram a sua vida sem perder a sua honra. Plínio, O Velho, utiliza nomes *Cornwallis* e *Planaria* para as ilhas, que formam, provavelmente, parte das ilhas Canárias, não representando os irmãos conhecidos hoje sob as denominações de Madeira e Porto Santo.³

Após a queda do Império Romano nenhum dos europeus teve a coragem de tomar caminho

rumo aos oceanos ou mares distantes durante longos séculos. Contudo, Martin Behaim, célebre cosmógrafo de Nuremberga com brilhante carreira feita em Lisboa, apresenta uma velha lenda de que São Brandão (Brendan, Brénnain) zarpou, em 565, da Irlanda para procurar a Terra Prometida. Por uma tormenta foi o monge, junto com seus companheiros, impulsionado até uma ilha, onde todos passaram sete anos antes de regressar à sua pátria irlandesa. O mapamundi mais velho de Ebstorf, datado de aproximadamente 1270 situa a “Ilha de S. Brandão” nos lugares onde ficam hoje a Madeira e Porto Santo; as representações cartográficas posteriores das *Insulae Fortunatae Brandani* identificam sempre com a ilha da Madeira aqueles lugares, até onde o santo penetrou através de “negros nevoeiros” (mais tarde, os marinheiros portugueses falaram numerosas vezes sobre o *espesso negrume* que cobria a ilha de Madeira).

Passados longos séculos de inactividade marítima, foram os árabes que dominaram os oceanos. O Atlântico foi mais facilmente alcançável pelos seus correligionários desde a Península Ibérica. Mal se radicara o islão no extremo Sudoeste de Europa, já os muçulmanos dali procuraram rotas marítimas para mais a Oeste. O geógrafo al-Idrīsī (1099–1154) menciona, na sua *Geografia*, vinte e seis ilhas atlânticas, descrevendo uma expedição dos aventureiros muçulmanos de Lisboa, os quais aportaram na “ilha do gado” em 1147 (no mesmo ano, em que a cidade muçulmana de al-Ushbuna caiu nas mãos do primeiro rei de Portugal Afonso Henriques, passando a ser a Lisboa cristã). Aquela “ilha do gado” montanhosa e caudalosa evoca fortemente a ilha da Madeira. Mais tarde, outros navegadores árabes como Muhammad ibn Ragan e outros tocaram as ilhas situadas a Oeste do Maghrib rigorosamente islâmico.

Só depois começaram os cristãos a atrever-se a entrar o alto oceano – italianos, bretões, bascos, biscaínhos, catalães, galegos, portugueses

³ Também a lendária Atlantis-Atlântida costuma ser situada no espaço do Oceano Atlântico oriental. Na língua checa, as especulações neste sentido apareceram, por exemplo, nos livros: Jekaterina ANDREJEVA, *Atlantida. Hledání ztraceného světa*, Praha: Lidová demokracie, 1966; Lajos STEGENA, *Byla nebyla Atlantis*, Praha: Mladá fronta, 1967.

e castelhanos. A última lenda precedente do conhecimento real da Madeira tem conexão com a indesejada aventura dum certo nobre inglês. Dizia-se que este Robert Machim⁴ (Machym, Machen, Macheco etc.) se enamorara duma dama de alta estirpe de seu nome Ana de Arfet durante o reinado de Eduardo III. Os pais dela, porém, haviam pedido o consentimento do monarca para casá-la com um nobre senhor da cidade de Bristol. Num dia de 1344, os namorados ameaçados fugiram juntos de Bristol, em direcção a França. Contudo, ventos fortes e correntes marítimas levaram a embarcação dos amorosos para longe, para Sudoeste. Robert e Ana apareceram numa baía insular, sobre a qual se elevaram montanhas com densa cobertura florestal. Naquele lugar faleceu Ana depois de três dias de estada e o seu amante Robert pouco depois. Os seus companheiros recolheram as suas últimas forças para zarparem em direcção às costas marroquinas, onde foram escravizados pelos “mouros”.

A história romântica tornou-se bem conhecida em Portugal. Já o impressor e humanista Valentim Fernandes⁵, que evocou a sua terra natal com o atributo “de Morávia”, julgou que o nome da povoação de Machico situada a Nordeste da posterior cidade capital da Madeira, Funchal, tem a sua proveniência no apelido de Machim. Mas, a estória soturna de amor e morte foi publicada pela primeira vez, com todos os detalhes, em 1671 em Paris num escrito anónimo que causou a impressão dum conto inverosímil. Mais tarde, as investigações verificaram que, afinal de contas, teria sido possível encurtar a navegação de Machim ao admitir que se tratava de um português, na época em que os portugueses cruzavam frequentemente as águas do Atlântico. De facto, existe um armador com nome de Macheco documentado em 1373, navegando desde Portugal para St. Malô. Na lista dos estrangeiros expulsos de Inglaterra pelo rei Henrique IV aparece um Macheco e um Machim. O mesmo nome consta nas fontes que falam sobre um escudeiro do infante português D. Pedro. Em 1544 aparece um certo Machym Fernandes num documento... Provavelmente foi um deles o protagonista da história realmente acontecida. Quanto à Madeira, nem as cruzes se conservaram nas sepulturas do lendário Robert Machim e da sua enamorada Ana, erguidas alegadamente pelos seus companheiros anónimos na navegação trágica.

Entre mapas e ocupação

Muito tempo antes da expansão ibérica, a partir de 1325, fizeram os cartógrafos europeus várias representações das ilhas atlânticas. A Madeira junto com ilhas adjacentes – a ilha plana de Porto Santo e rochas nuas chamadas Ilhas Desertas e Ilhas Selvagens – veio sendo determinada sempre com mais exactidão nos *portulani* (que definiam o rumo entre vários portos) italianos. Nos mapas, em 1339, Angelino Dulcert desenha a Madeira redonda sob a denominação de *Insyla capraria* (Ilha de Cabras), Pizzigani chama-a, em 1367, *Ysola Canaria*. O Atlas dos Medici feito entre 1351 e 1357 é quase exacto quanto à representação cartográfica: com a denominação *I. Delo Legname* (Ilha da Madeira), a ilha recebe o seu nome definitivo, aparecendo nas proximidades dela, também, o *Porto Scto e I. Deserte*. Nos mapas do “Atlas Catalão” de Abraão Cresques de 1375 emergem até pequenas *Insulae Salvatges*. Pinelli (1384), Soler (1385), o mapa “Catalão-Paris” de 1400 e Pasqualini em 1408 mencionam os mesmos nomes que existem até agora, sendo as ilhas representadas sempre de forma mais perfeita. O mapa elaborado por Mecia de Viladestes em 1413 apresenta contornos madeirenses de maneira quase exacta comparando com a realidade geográfica.⁶

⁴ A lenda de Machim a abordaram e analisaram muitos autores, por exemplo: Alberto F. GOMES, “James Bird e o poema Machim or the Discovery of Madeira”, *Das Artes e da História da Madeira*, Vol. 6, No. 34, pp. 16–20, Funchal 1964; Eduardo PEREIRA, “A lenda de Machim”, In *Congresso do Mundo Português*, Vol. III, Parte 1, pp. 188–208, Lisboa 1940; Juan ALVAREZ DELGADO, “El episodio de Juan Machim en la Madeira”, *Das Artes e da História da Madeira*, Vol. VI, pp. 41–52, Funchal 1961, etc.

⁵ Pavel ŠTĚPÁNEK, na sua obra *Valentim Fernandes de Morávia. Poznámky k životu a dílu významného moravského knihtiskaře v Lisabonu na přelomu 15. a 16. století – představitele manuelského umění (VFM. Observações acerca da vida e obra dum importante impressor moravo em Lisboa na virada dos séculos XV e XVI – representante da arte manuelina)*, Brno: L. Marek, 2006, não analisa o “Manuscrito de Valentim Fernandes” que diz respeito ao Atlântico e África, acentuando, porém, o contributo importantíssimo civilizacional e artístico da personagem.

⁶ Ver Inácio GUERREIRO e Luís ALBUQUERQUE, “Cartografia antiga da Madeira,

Os roteiros portugueses influenciaram seguramente o registo da ilha da Madeira nos mapas europeus. Ultimear a “descoberta” ou organizar publicamente o “achamento” da mesma ilha vulcânica coberta com um chapéu de nuvens, significava, porém, transformá-la – quanto à população e economia – numa parte integral da Europa, isto é, ocupá-la, investigá-la e colonizá-la. Foram logicamente os portugueses⁷ que aceitaram esta tarefa nos tempos iniciais da sua época dos descobrimentos marítimos.⁸ Em 1418 – quando os mapas passaram a representar a Madeira com bastante perfeição – aportou o navegador e capitão português João Gonçalves Zarco (o apelido costuma aparecer, também, na forma “Zargo”) na ilha. Segundo a *Crónica dos feitos da Guiné* de Gomes Eanes de Zurara,⁹ foi o próprio Infante D. Henrique quem enviou Zarco rumo às costas africanas. Contudo, Zarco recebeu uma embarcação muito simples: a *barca*

era um navio ligeiro com o único mastro, apropriado somente para manobras de cabotagem perto da costa ou para a pesca. Zurara é um bocado mais verosímil que Diogo Gomes, quem afirma na sua *Notícia sobre o descobrimento dos Açores, Madeira e Cabo Verde*, que o navio do descobrimento de Zarco fora uma *caravela*, isto é uma embarcação com dois mastros e manobra aperfeiçoada graças às velas triangulares “latinas” e com uma superestrutura na popa. A dupla denominação da embarcação pode aparecer por motivo compreensível: Zarco aproximou-se ao ilhote de Porto Santo a Nordeste da Madeira no início de Dezembro de 1418, chegando ao mesmo sítio pela segunda vez nos inícios de 1419. Embora Diogo Gomes atribua o descobrimento do arquipélago da Madeira ao capitão português Afonso Fernandes, todos os restantes documentos comprovam o primado indubitável de Zarco.¹⁰

séculos XIV–XV”, *Actas do I Colóquio Internacional de História da Madeira*, pp. 138–160, Funchal 1990. Mapas funcionam como uma base para João Franco MACHADO, “O conhecimento dos arquipélagos no século XIV”, in *História da Expansão Portuguesa no Mundo*, Vol. 1, Livro 1, cap. IV, pp. 269–273, Lisboa 1937; a representação cartográfica do arquipélago a aborda, também, António Ferreira SERPA, “O Arquipélago da Madeira nos mapas e portulanos do século XVI”, *Arquivo Histórico da Madeira*, Vol. I, pp. 125–138, Funchal 1931.

⁷ Na língua checa, dimensões mais amplas históricas e culturais da expansão portuguesa oferece Jan KLÍMA, “Vasco da Gama – přínos portugalských objevitelů renesanci” (Vasco da Gama – o contributo dos navegadores portugueses à Renascença), in: J. KLÍMA, *Studie z dějin Portugalska a portugalského zámoří (Estudos de História de Portugal e do Ultramar Português)*, Hradec Králové: Gaudeamus, 1999, pp. 5–16; e, sobretudo, Jan KLÍMA, *Zámořské objevy. Vasco da Gama a jeho svět (Descobrimientos marítimos. Vasco da Gama e o seu mundo)*, Praha: Libri, 2006.

⁸ A importância posterior da América fez acentuar a façanha de Cristóvão Colombo, fazendo empalidecer, pelo menos na consciência das populações da Europa Central, o primado dos portugueses na expansão europeia. Essa expansão lenta e coroada de sucesso, uma continuação *sui generis* das cruzadas muito anteriores e mal sucedidas, teve não só um significado conquistador, mas também descobridor e revelador para a Europa inteira. A recolha

de informações reais e exactas sobre países, paisagens, técnicas, plantas, populações e línguas mundiais reprimiu o místico pensamento medieval, abrindo o caminho para o modo moderno das deliberações técnicas e bem fundamentadas. Tem razão Fernando Pessoa ao realçar: “*O feito dos portugueses (...) transformou a face do mundo, abriu a amplitude da terra à possibilidade conjunta daquela civilização que até ali se não sonhara senão concentrada na Europa, ou pelo Mediterrâneo, ou até à Ásia Menor.*” Tem razão Luís Filipe Barreto ao escolher esta citação para um moto do seu livro *Portugal, Pioneiro do diálogo Norte-Sul*, Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1988.

⁹ Na língua checa saiu à luz uma escolha dos dois textos – *Crónica dos feitos da Guiné* de Zurara (Azurara) e *Peregrinação* escrita por Fernão Mendes Pinto – num volume só denominado *Objevné cesty do Afriky a Asie (Viagens de descobrimento para África e Ásia)*, tradução de Luděk Kult, Praha: SNKLHU, 1966). O texto reduzido da *Crónica*, hoje não conveniente mais, infelizmente, não abrange episódios que digam respeito ao descobrimento da Madeira.

¹⁰ O “descobrimto”, isto é ocupação da Madeira, aborda uma literatura muito vasta, da qual citamos como exemplo a edição das fontes: Jerónimo Dias LEITE, *Descobrimto da Madeira e Discurso da Vida e Feitos dos Capitães da dita Ilha*, Coimbra 1947; Francisco Manuel de MELLO, *Descobrimto da Madeira. Epanáfora Amorosa*, Braga 1975; e escritos secundários: Pedro de Góis PITTA,

Conforme uma das poucas relações datadas, Zarco fundeu à costa madeirense em 1 de Julho de 1419, precisamente na baía em frente da actual povoação de Machico (cujo nome se deriva, segundo uns, de Robert Machim, e segundo outros, da Serra de Monchique no Sudoeste de Portugal, donde provinha a grande parte dos primeiros colonos da ilha). Gaspar Frutuoso descreveu, no seu *Livro Segundo das Saudades da Terra*, momentos históricos da maneira seguinte: “Viram logo uma praia grande e espaçosa, e o piloto, pelos sinais (...) oram, então, com muitas folias e cantares lançar âncora na praia e, por ser já muito tarde, não saíram aquele dia em terra, passando no mar a noite. (...) Tanto que amanheceu, ao outro dia, mandou o capitão um batel a terra. (...) E, chegados a ela e desembarcados no lugar e sepultura de Machim (...) mandou, dentro da árvore e casa que do tronco estava feita, armar um altar sobre a mesa de Machim, onde se disse missa com muita devoção e solenidade...”¹¹ Há que notar que o autor, escrevendo estas palavras no ano de 1590, certamente indicou o dia errado; o dia 2 de Julho, quando os portugueses alegadamente saíram a terra para ouvir missa, foi domingo em 1590; todavia, não era nem domingo, nem o dia da “Visitação de Santa Isabel” em 1419. O erro é corrigido por um outro autor em 1813, indicando que o dia 10 de Agosto é “o dia célebre por ser o aniversário do descobrimento desta ilha.”

Todos os cronistas dizem de maneira idêntica que a Madeira, no momento do “novo achamento” era linda com a sua “fertilidade e frescura (...) e das muitas ribeiras e fontes de água”, mas que a ilha principal fora “nunca dantes habitada” assim como a ilha do Porto Santo e as rochas dos adjacentes ilhotes “desertos” e “selvagens”. Na qualidade de uma *sesmaria* – terreno não aproveitado ou abandonado – esta nova parte das possessões portuguesas teve de ser distribuída e colonizada conforme a lei de 1375. Não obstante, os primórdios da colonização portuguesa costumam também ser explicados de maneira diferente. A maioria dos cronistas regista o ano de 1420 como o início da colonização – isto mais segundo a tradição do que com base em fontes concretas. O Infante D. Henrique, porém, diz em 1460: “Comecei a povoar a minha ilha da Madeira haverá ora XXXV anos...”, o que significaria o ano de 1425. Contudo, não havia razões sérias para adiar a colonização. Assim, parece

que a chegada dos primeiros colonos aconteceu de facto logo após 1420.

A ocupação portuguesa da Madeira tem uma importância mais profunda para a ideia de como foi “descoberto” o ultramar no século XV, eventualmente no XVI e XVII. Da mesma forma que a Madeira, outras paragens caíram no âmbito do interesse das potências europeias muitos anos depois da sua verificação pelos capitães, pilotos e cartógrafos.¹² Então, muitos outros “descobrimientos” costumam ser bastante adiados após o momento do primeiro reconhecimento. Quando Giovanni Caboto (John Cabot) penetrou na América do Norte para “descobrir” o Newfoundland (“Terra Nova Achada”) para o Rei da Inglaterra, avistou muitos pescadores europeus nas águas abeirantes – os portugueses apareciam lá com rotina a fim de pescarem atum, bacalhau e outro peixe abundante nas águas frias; a mais, o nome geográfico de Labrador para as terras adjacentes à Newfoundland provém do nome de um capitão português. É muito provável que o descobrimento oficial do Brasil¹³ por Pedro Álvares Cabral, em 1500, fora precedido por contactos muito mais antigos dos navegadores

Quinto Centenário do Descobrimento da Madeira, Funchal 1922; Manuel Hígino VIEIRA, *Descobrimento do Arquipélago da Madeira. Estado Actual do Problema*, Lisboa 1939, etc. Já Jordão FREITAS colocou a questão principal no seu escrito *Quando foi descoberta a Madeira?*, Lisboa 1911.

¹¹ Gaspar FRUTUOSO, *Livro Segundo das Saudades da Terra*, Ponta Delgada: Instituto Cultural de Ponta Delgada, 1979, pp. 42–43.

¹² Note-se a ligação da navegação marítima perfeita dos portugueses com as façanhas dos marinheiros chineses e com os mapas desenhados na China medieval, que foi frisada recentemente por Gavin MENZIES no seu livro *1421 – The Year China Discovered America*, New York: Harper, 2004. O autor dedica a devida atenção, também, ao descobrimento e povoamento da Madeira (p. 383 e ss.).

¹³ O conhecimento dos primórdios da história brasileira entre os checos melhorou após a publicação da *Carta ao El-Rei D. Manuel sobre o Achamento do Brasil (Dopis králi Manuělovi o nalezení Brazílie*, ed. M. Malechová e S. Binková), Praha: Scriptorium, 2000; na língua checa, o momento histórico sem especulações adicionais foi suficientemente descrito nas *Histórias do Brasil de Jan KLÍMA (Dějiny Brazílie*, Praha: NLN, 1998; *Brazilie*, Praha: Libri, 2003).

portugueses com o Nordeste do continente Sul-americano. É de pressupor muitas outras analogias para muitos casos afins. A falta de comunicações junto com instruções régias de manter informações como segredo estratégico, tão frequentes não só nos séculos XV e XVI, concitam os historiadores para não tomarem a sério o dia do “descobrimento” numa certa localidade indicada nos manuais escolares de história.

Povoamento

Para os activos portugueses, as ilhas da Madeira e Porto Santo tinham de servir de bases perfeitas para a futura expansão. Foi precisamente por isso que os três descobridores começaram a organizar, sem demora e espontaneamente, o arquipélago da Madeira.

João Gonçalves Zarco¹⁴ nascido em Tomar por volta de 1395, tornou-se conhecido como corsário por utilizar eficientemente o pequeno canhão (*trabuco*) no seu navio contra embarcações dos “mouros” perto das costas de Algarve. Zarco, originalmente um dos menos importantes *escudeiros* do Infante D. Henrique, foi armado *cavaleiro* mais tarde por ter combatido corajosamente em Tânger. Casou-se com Constância Rodrigues que lhe deu seis crianças – três rapazes e três raparigas. Na Madeira, para cuja povoação Zarco contribuiu de maneira decisiva, escolheu como sede uma ladeira em cima dum porto natural; devido à grande quantidade de funcho selvagem existente, a povoação foi denominada Funchal pelos colonizadores. O bom sucesso da colonização trouxe-lhe, em 1 de Novembro de 1450, a autorização oficial para a chefia da sua capitania das mãos do próprio Infante D. Henrique e, finalmente, as armas da nobiliarquia portuguesa, em 4 de Julho de 1460 (pouco antes da morte do Infante).¹⁵ Na altura, cessou de escrever o seu nome de “Zarco”, utilizando para seu nome completo a denominação do porto situado a oeste de Funchal: João Gonçalves da Câmara de Lobos (ou João Gonçalves da Câmara). Zarco faleceu entre 1467 e 1472, sendo os seus restos mortais trasladados, por um dos seus filhos, da pequena Capela da Nossa Senhora da Conceição para o convento da Santa Clara em Funchal, onde jazem até agora.

Tristão Vaz Teixeira¹⁶ (1390?–1470?), interessou-se também, embora somente por curto tempo, pela Madeira. Este *escudeiro* e depois *cavaleiro* do Infante D. Henrique, esposo de Branca Teixeira (antes do casamento era conhecido simplesmente como Tristão ou Tristão da

Ilha), com a qual teve quatro rapazes e oito raparigas, armou uma caravela a expensas próprias a fim de povoar a parte oriental da ilha da Madeira, mas logo depois dedicou os seus esforços a aventuras bélicas em Marrocos. Os seus méritos mereceram benefício, através duma carta régia datada 8 de Maio de 1440, da concessão da metade nordeste da Madeira.¹⁷ A povoação de Machico, onde nos nossos dias se ergue uma estátua do “capitão” em frente da igreja, servia então de centro dos seus domínios insulares. Tristão Vaz tornou-se desagradavelmente conhecido por punir desproporcionadamente os seus companheiros colonizadores, sendo por causa disso ele próprio degredado. Indultado o seu castigo em Fevereiro de 1452, Tristão Vaz deixou a Madeira, radicando-se no Algarve, onde morreu na cidade de Silves.

Bartolomeu Perestrelo (1400–1458) tinha origem italiana, passando a servir como cavaleiro, primeiramente o rei D. João I (1357/1385–1433), e, posteriormente, o Infante D. Henrique. Foi encarregado de povoar a pequena ilha de Porto Santo situada a nordeste da Madeira. Foi um presente de grego para ele: faltava a água potável na ilha plana, porque as montanhas da vizi-

¹⁴ O “descobridor” da Madeira era mencionado inúmeras vezes nas obras com o temário mais amplo, mas não há muitas biografias monográficas sobre ele. Uma das poucas é de Fernando Augusto da SILVA e Carlos Azevedo de MENEZES, *João Gonçalves Zarco. Traços biográficos*, Funchal 1948.

¹⁵ Todas as recomendações e doações que dizem respeito à ilha foram deferidas através das informações enviadas a Zarco, quem desempenhou o papel de administrador principal da ilha. Muitos documentos comprovam isto, ver por exemplo a obra de J. Martins da Silva MARQUES, *Descobrimentos portugueses*, Suplemento do 1º volume, Lisboa 1988.

¹⁶ Também o segundo descobridor e capitão da Madeira tornou-se célebre mais tarde graças ao significado sempre mais visível da ilha da Madeira. Algumas observações monográficas acerca da sua biografia as escreveu somente Manuel Rufino TEIXEIRA, “Tristão Vaz Teixeira. Quem era?”, *Islenha*, Funchal 1991, No. 8, pp. 121–128.

¹⁷ Documentos de doação ficam conservados nas edições das fontes históricas. A doação em questão se encontra, por exemplo, no conjunto dos documentos recolhidos na ocasião da conferência a comemorar 600 anos desde o nascimento do Infante D. Henrique: *O Infante e as Ilhas*, Funchal 1994, pp. 102–103.

nha Madeira atraíam a maioria da precipitação para junto de si. Por isso não havia nem o solo conveniente para a agricultura, nem florestas extensas a servir como fonte de lenha para o combustível ou apropriadas para a construção ou reparação das embarcações. Perestrelo esforçou-se com seriedade em manter algumas famílias no ilhote e foi por isso que recebeu oficialmente a posse da sua “capitania” em 1 de Novembro de 1446. A pequena importância de Bartolomeu Perestrelo na história do desbravamento das regiões afastadas aumentou com a sua filha Filipa, nascida do terceiro casamento de Perestrelo com Isabela de Moniz. Filipa casou-se, em 1480, com o marinheiro genovês Cristóvão Colombo,¹⁸ que se estabeleceu no arquipélago da Madeira, entre 1478 e 1485, na qualidade de representante do comércio genovês de açúcar. Bartolomé de las Casas escreve que o casal viveu algum tempo na ilha de Porto Santo e que foi ali (os outros afirmam que foi na ilha da Madeira) onde nasceu o seu filho Diego Colón (1482?–1523).

Depois dos primeiros 150 casais, mais colonos aportaram às ilhas de Madeira e Porto Santo. Foi nomeadamente Zarco quem organizou uma ordem exemplar nas suas terras, entregando para cultivo os terrenos escarpados e ranhuras entre ladeiras aos chefes de família, primeiramente por três anos isentos de quaisquer impostos ou outras condições. Assim foram originadas, para além do “vale formoso” do Funchal, gérmens das povoações de Câmara de Lobos, Ribeira Brava, Ponta do Sol, Calheta, Machico e Santa Cruz na costa sul, menos flagelada pelos ventos e aguaceiros. Muito mais tarde conseguiram os colonos povoar costas abruptas do Norte da ilha, acoçadas pelas ondas oceânicas. Numa brecha atrás das rochas, sem possibilidade de ser reconhecida pelos piratas desde o mar, foi fundada a aldeia de São Vicente; no extremo Noroeste, perto dos eflúvios antigos da lava, o pequeno Porto (de) Moniz e nas colinas do Nordeste, a boa distância do mar, a aldeia de Santana.

Nem o empenho gigantesco da nação portuguesa, porém pouco numerosa, possibilitava que fosse povoada e cultivada imediatamente cada uma das terras e ilhas descobertas ou ocupadas, embora em toda parte tivesse sido preciso aproveitar as mãos dos colonos para trabalho e defesa. A ilha da Madeira, como uma excepção da regra, nunca teve problemas com povoação e aproveitamento. Entre 1430 e 1450 foram fun-

dadas as primeiras paróquias, sendo as competências eclesiásticas entregues, em 1433, à Ordem do Cristo, sucessora portuguesa dos templários, com uma elevada mentalidade empresarial. Depois das primeiras capelas simples, as primeiras igrejas autênticas foram erguidas na ilha,¹⁹ sendo a Sé catedral no Funchal consagrada a 18 de Outubro de 1517.²⁰ Depois das actividades primordiais dos frades menores de São Francisco, também os monges da ordem de São Jerónimo receberam a autorização papal em 1462 para se radicarem na ilha da Madeira; outras congregações religiosas, acompanhadas de irmãos laicos chegaram mais tarde; conventos e mosteiros para homens e mulheres foram erguidos. Através da sua bula *Pro Excellentia* datada 12 de Julho de 1514, o papa Leão X determinou que a Diocese do Funchal fosse centro eclesiástico de todas as ilhas ocupadas pelos portugueses nos oceanos Atlântico e Índico. Pouco depois de 1470 tornou-se conhecida a lenda sobre a Nossa Senhora do Monte, que deve ter aparecido perante uma pastora; com base da lenda, foi depois construída uma capela (cuja sucessora é hoje a igreja no bairro do Monte) em cima do Funchal. Entre os santos reverenciados entraram depois Santiago Menor, Bom Jesus e, na povoação de Machico, o “Senhor dos Milagres”. Assim, uma religiosidade profunda e mística chegou à ilha, permanecendo até hoje geralmente através de cerimónias religiosas que comprovam a fé inabalável dos ilhéus.

Depois do infante D. Henrique receber a ilha da Madeira como o seu *senhorio*, em 26 de Setembro de 1433, e depois de designar os seus

¹⁸ A presença de Colombo a analisou de maneira mais detalhada Alberto VIEIRA nos seus estudos “Colombo e a Madeira”, *Actas do III Colóquio Internacional da História da Madeira*, Funchal: CEHA, 1993, pp. 37–43; e “Colombo e a Madeira: tradição e história”, *Islenha*, Funchal, No. 5, 1989, pp. 35–47.

¹⁹ O número admirável de 23 capelas, 4 igrejas (São Sebastião na Câmara de Lobos, 1421–1426; Santa Maria a Maior em Funchal, depois de 1425; Nossa Senhora da Conceição em Machico, 1450; Santa Cruz em Santa Cruz, 1427) e de um mosteiro (São Bernardino na Câmara de Lobos, 1425) surgiu na ilha já nos primeiros quarenta anos da presença dos colonistas, quer dizer entre 1420 e 1460.

²⁰ Ver Manuel Juvenal Pita FERREIRA, *A Sé do Funchal*, Funchal: JGDFAF, 1963.

capitães, uma administração ordinária organizada pelo Estado e pela igreja foi sendo estabelecida pouco a pouco. O primeiro *almoxarife* chegou em 1452, o primeiro *ouvidor*, em 1460, a primeira notícia sobre um *contador* provém de 1470; outros funcionários régios assumiram depois as suas funções: em 1502, o *capitão* retomou a função de administrador da fazenda, em 1508 começou a funcionar o *juiz de fora* no Funchal, etc. Após a morte do Infante D. Henrique, mais membros da dinastia real de Avis receberam o direito de posse e administração da ilha até 1497, quando a Madeira, em conjunto com as ilhas adjacentes, passou a ser propriedade da coroa, isto é uma parte integral do Estado Português pluricontinental. Em 1566, foi aberto o seminário diocesano e, quatro anos depois, o liceu eclesiástico de São João Evangelista. Graças a um clima agradável, suficiência de água potável e à sua posição nas rotas marítimas, a ilha da Madeira nunca padeceu de falta de colonos, embora os habitantes fossem flagelados, a partir da primeira epidemia em 1480, pela peste, cólera, bexigas, febre amarela e mais pragas. Apesar de todos os descabros, mais de sessenta mil habitantes viviam, em 1767, na ilha principal da Madeira e na ilha vizinha de Porto Santo.

Uma base para conquistadores e cosmopolitas

Tal como a “Ilha da Madeira”, todas as rochas vulcânicas a ressaltar do Atlântico Central e Oriental, ilhas há muito tempo desenhadas nos mapas e, apesar disso, “descobertas” de repente aos magotes, passaram a ser o objectivo de um grande interesse colonial. Durante o mesmo período, enquanto os venezianos, genoveses e aragoneses faziam os seus comércios tradicionalmente no Mediterrâneo Oriental, e os ingleses e franceses se encontravam limitados pela fase mais encarniçada da Guerra de Cem Anos, o Atlântico ficava reservado para os portugueses e espanhóis. A ilha da Madeira passou a ser uma base perfeita para ulteriores viagens de descobrimento e para a expansão cristã dirigida, nestas paragens do mundo, pelos portugueses.

Mais de dez anos após a Madeira, os portugueses começaram a colonizar o arquipélago dos Açores. Em 1462, iniciou-se a colonização das Ilhas de Cabo Verde. O conflito prolongado acerca das Ilhas Canárias, ocupadas, em 1402, pelos capitães franceses Jean de Bethencourt e Gadifer de la Salle a favor de Espanha, foi

solucionado, depois da guerra travada na Península Ibérica, através do Tratado de Alcáçovas de 1479 – o primeiro tratado sobre a divisão do mundo não-europeu. De acordo com este convénio, os espanhóis receberam as Ilhas Canárias com o resto dos “guanchos”, únicos habitantes nativos das ilhas atlânticas, mas, a maioria do Atlântico passou a tornar-se oceano português (*mare clausum*), como o comprovou a bula papal de 21 de Junho de 1481. O Tratado de Tordesilhas de 7 de Junho de 1494, uma divisão mais complexa do mundo que deu aos espanhóis a América e o Atlântico ocidental, nada mudou quanto à posição da Madeira.

No espaço atlântico, a ilha da Madeira servia como base estratégica mais importante sob ponto de vista populacional e económico. Por aqui passou uma parte do tráfico de escravos de África e ilhas de Cabo Verde rumo à América, aqui se desenvolveu a agricultura –inclusive ramos delicados como cultivo e recolha do corante natural de cochonilha–, produção de açúcar (a cana madeirense foi o ponto de partida para a posterior explosão da indústria açucareira nos engenhos no Brasil) ou a vinicultura que se tornaria célebre dentro em breve.²¹ Como não havia campos convenientes para a triticultura, a alimentação teve de ser garantida pela pesca marítima incluindo a caça de baleias. O inglês Hans Sloane encontrou na ilha, em 1687, “*cavaleiros mais educados e dotados de todo o civilismo que se pode desejar...*” É que contactos permanentes dos madeirenses com Portugal e com todas as nações a navegar no Atlântico trouxeram com presteza informações, conhecimentos e modas europeias às ilhas. Porém, a partir do século XVI, quando os competidores das potências ibéricas se fizeram aos oceanos, também a ilha da Madeira se sentiu ameaçada pelos perigos bélicos, ataques de corsários e tentativas inglesas ocasionais de ocupar a ilha, tão frutuosa e bem situada.

O desenvolvimento demográfico favorável²² permitiu ao governo português aproveitar os

²¹ A obra acima mencionada *História de Madeira* oferece uma bibliografia completa que diz respeito à economia madeirense.

²² Sobre o componente básico da população madeirense, veja: Jorge de Freiras BRANCO, *Camponeses da Madeira*, Lisboa: Dom Quixote, 1987.

madeirenses para colonizarem países e terrenos bem afastados mas na posse da coroa portuguesa. Depois da assinatura do Tratado de Madrid (1750) entre Portugal e Espanha sobre fronteiras na América do Sul, foram os madeirenses a salvar o princípio aceite de *uti possidetis* com o povoamento do extremo sul do Brasil, transformando uma zona desabitada numa terra fértil através do seu trabalho de dia-a-dia. Uma emigração espontânea dirigiu-se, também, para as ilhas das Antilhas e para a América do Norte; os madeirenses ajudaram a povoar o sul de Angola, criaram comunidades laboriosas na Venezuela, Suriname, Curaçao, na África do Sul, Austrália, Panamá, Estados Unidos da América e Canadá.

O império português ofereceu aos madeirenses grandes possibilidades de se fazer valer nas profissões e missões mais variáveis. Álvaro Fernandes, sobrinho de Zarco, enquadrou-se no grupo mais relevante dos descobridores ao alcançar, em 1446, o rio do Senegal e, um ano mais tarde, o “Cabo Verde” na África ocidental. As fortalezas portuguesas em Marrocos, Mogador e Safim, foram subordinadas à administração com sede na Madeira e um dos descendentes de Zarco, Simão Gonçalves da Câmara, enviou numerosos destacamentos de infantaria e cavalaria para se baterem na costa marroquina em 1513. Com base nos impostos recolhidos na Madeira, Diogo de Azambuja mandou construir mais uma fortaleza em Marrocos por volta de meados do século XVI. Os madeirenses combateram na Índia e construíram engenhos de açúcar no Brasil. Naquele país tornou-se célebre João Fernandes Vieira, nascido na Madeira, elogiado como o *Catrioto Lusitano* por chefiar a campanha vitoriosa dos brasileiros contra holandeses, que forçou os intrusos calvinistas a abandonarem, em 1654, a longa faixa da costa brasileira. O herói, cuja estátua está colocada no parque municipal na cidade do Funchal, dirigiu, também, a comunidade portuguesa em Angola, entre 1655 e 1661. Cada vez mais madeirenses foram envolvidos nas contendas coloniais, na conquista e na valorização²³ do vasto “mundo que o português criou” (Gilberto Freyre) existente desde a Amazônia americana até ao Macau da China.²⁴

A Madeira mantinha o seu papel prioritário de encruzilhada dos destinos humanos, descrito com propriedade por Gaspar Frutuoso, celebrando a ilha “*que Deus pôs no mar oceano ocidental para escala, refúgio, colheita e remédio dos navegantes.*” Cosmopolitas de todo tipo

fizeram realmente a sua escala na ilha. A ilha era ameaçada, nomeadamente durante o século XVI, por corsários ingleses como Francis Drake, John Hawkins ou Martin Frobisher,²⁵ contudo a Madeira – ao contrário das ilhas de Cabo Verde – saiu sempre ileso por oferecer quantidade ilimitada de água potável, tão precisa, e de alimentos. Sempre com maior frequência, ali aportaram capitães de frotas e chefes de expedições de descobrimento, apareceram biólogos e visitantes atraídos pelo clima agradávelíssimo. James Cook aportou na Madeira em 1768 e 1772, o cientista austríaco Friedrich Welwitsch propôs o estabelecimento de uma estação botânica no Funchal para pesquisas científicas. O investigador eclesiástico alemão Ernst Hans Schmitz fundou, em 1882, o museu de história natural nas colinas em cima da cidade capital madeirense. Naquela altura começaram a chegar os primeiros turistas e visitantes aristocráticos. Um deles, seguindo o exemplo da sua mãe Isabel (Elisabeth – “Sissi”) que tinha gozado da estada na Madeira duas vezes, foi o último imperador austro-húngaro Carlos I (1887–1924). A sua busca por refúgio terminou, após curta estada, com o súbito falecimento; o seu sepulcro na igreja do Monte, acima do Funchal, leva uma inscrição que lembra a alta posição do monarca, indicando, entre outros títulos, o de “rei de Boémia”.²⁶

²³ Durante primeiros 150 anos, os madeirenses participaram nas muitas guerras e campanhas na próxima África de Noroeste, combatendo em Tanger (1437), Arzila e Tanger (1471), Arzila (1495), Safim (1510), Azamor (1513), novamente Safim (1520 e 1530), Santa Cruz do Cabo Gué (1533) e Azamor (1537); finalmente, o destacamento auxiliar madeirense assistiu ao desastre de Alcácer-Quibir, em 1578.

²⁴ Para além de muitos artigos que dizem respeito à história dos madeirenses em Angola, no Brasil e em outras possessões portuguesas e não portuguesas individuais, recomenda-se a seguinte síntese bem sucedida da emigração madeirense: Ana Isabel SPRANGER, *A Diáspora Madeirense*, Funchal: SRE e Caixa Económica do Funchal, 1984.

²⁵ Ver Eduardo PEREIRA, *Piratas e Corsários nas Ilhas Adjacentes*, Funchal 1975.

²⁶ Todas as biografias do imperador mencionam Madeira, falando, algumas vezes, sobre as modestas condições de vida na ilha. Ver p.ex. Reinhold LORENZ, *Kaiser Karl und der Untergang der Donaumonarchie*, Graz 1959;

A história da ilha da Madeira elucidada-nos bem sobre a importância estratégica das ilhas atlânticas para os inícios da expansão europeia global e para a história do colonialismo europeu. Iniciativas portuguesas no tempo dos descobrimentos marítimos, assim como o ambiente

cosmopolita europeu na encruzilhada das vias marítimas e aéreas influenciaram de maneira decisiva o facto de a ilha da Madeira manter até agora um significado extraordinário.²⁷

(Escrito em português pelo autor)

Gordon BROOK-SHEPHERD, *Um Krone und Reich*, Viena 1968; Erich FEIGL (red.), *Kaiser Karl*, Viena 1984, etc.

²⁷ Dentro do mundo lusófono, a importância da Madeira está bem caracterizada na obra de Enzo SILVEIRA, *A Ilha da Madeira nos Destinos do Brasil e Portugal*, Funchal: JGDAF, 1956.